

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Franco Flores De Etcheverry

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO NA LITERATURA
E SUAS REPERCUSSÕES NA AMÉRICA LATINA**

**Bagé
2023**

FRANCO FLORES DE ETCHEVERRY

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO NA LITERATURA
E SUAS REPERCUSSÕES NA AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Línguas Adicionais – Inglês, Espanhol e Suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Línguas Adicionais.

Orientador: Moacir Lopes de Camargos

**Bagé
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

E83b Etcheverry, Franco Flores De Etcheverry BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO NA LITERATURA E SUAS REPERCUSSÕES NA AMÉRICA LATINA / Franco Flores De Etcheverry Etcheverry. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2023. "Orientação: Moacir Lopes De Camargos Camargos". 1. Realismo Fantástico. 2. Dicotomias Latino-Americanas. 3. Experiência Acadêmica. I. Título.

FRANCO FLORES DE ETCHEVERRY

**BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O FANTÁSTICO NA
LITERATURA E SUAS REPERCUSSÕES NA AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, do Campus Bagé, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

TCC defendido e aprovado em: onze de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Prof. Dr. MOACIR LOPES DE CAMARGOS
Orientador Unipampa

ÍCARO OLANDA
ONG Casa do Caminho - Artur Nogueira, SP

Profa. ROSIANE G. SANTOS SANDIM
Instituto Estadual de Educação Barão de Tramandaí



Assinado eletronicamente por **MOACIR LOPES DE CAMARGOS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/12/2023, às 10:12, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROSIANE GONCALVES DOS SANTOS SANDIM, Usuário Externo**, em 11/12/2023, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ICARO CESAR CAINAN DA CUNHA CLARO OLANDA, Usuário Externo**, em 11/12/2023, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1324846** e o código CRC **244A8032**.

RESUMO

Este trabalho examina a interseção entre realismo fantástico e identidade latino-americana, destacando a experiência acadêmica do autor ao abordar, o colonialismo, dicotomias e estereótipos. Explora como o realismo fantástico serve como ferramenta artística, crítica, e como arma de guerra. O estudo busca abordar características do realismo fantástico que podem contribuir para uma compreensão mais profunda das complexidades culturais e sociais da América Latina. A conclusão reflete sobre o potencial desse gênero literário, enfatizando sua capacidade de ampliar horizontes e promover diálogos culturais, bem como seu potencial destrutivo. A escrita deste trabalho busca lançar luz sobre diversas nuances da identidade latino-americana, destacando questões políticas e de posicionamento artístico.

Palavras-Chave: Realismo Fantástico; Dicotomias Latino-Americanas; Experiência Acadêmica.

RESUMEN

Este trabajo examina la intersección entre el realismo mágico y la identidad latinoamericana, enfatizando la experiencia académica del autor al abordar el colonialismo, las dicotomías y los estereotipos. Explora cómo el realismo mágico sirve como herramienta artística y crítica, así como arma de guerra. El estudio busca abordar las características del realismo mágico que pueden contribuir a una comprensión más profunda de las complejidades culturales y sociales de América Latina. La conclusión reflexiona sobre el potencial de este género literario, enfatizando su capacidad para ampliar horizontes, promover diálogos culturales y su potencial destructivo. La escritura de este trabajo busca arrojar luz sobre diversos matices de la identidad latinoamericana, destacando posicionamientos políticos y artísticos.

Palabras Clave: Realismo Fantástico; Dicotomías Latino-Americanas; Experiencia Académica.

ABSTRACT

This work examines the intersection between magical realism and Latin American identity, emphasizing the author's academic experience in addressing colonialism, dichotomies, and stereotypes. It explores how magical realism serves as an artistic and critical tool, as well as a weapon of war. The study aims to address characteristics of magical realism that can contribute to a deeper understanding of the cultural and social complexities of Latin America. The conclusion reflects on the potential of this literary genre, emphasizing its ability to broaden horizons, promote cultural dialogues, and its potential for destruction. The writing of this work seeks to shed light on various nuances of Latin American identity, highlighting political and artistic positioning.

Keywords: Fantastic Realism; Latin American Dichotomies; Academic Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –(1943) Joaquim Garcia Torres America Latina Invertida	19
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Elaboração do autor a partir de Rodríguez H. (1988, p.22).....15

LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

p. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

LISTA DE SIGLAS

RF: Realismo Fantástico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. Fantástico-me.....	16
2. Entrando no fantástico literário.....	17
3. Experienciar-me.....	20
4. Dicotomias.....	22
5. Finalizo.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

Breves considerações sobre o fantástico na literatura e suas repercussões na América Latina

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá, onde a criança diz:
 Eu escuto a cor dos passarinhos.
 A criança não sabe que o verbo escutar não
 Funciona para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta,
 Que é a voz
 De fazer nascimentos –
 O verbo tem que pegar delírio.

Manoel de Barros

Introdução

Lembro-me de quando ingressei na Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS, primeiro semestre de 2019; uma série de coisas novas para mim que havia passado 4 longos anos sabáticos. Não por minha vontade, mas por não conseguir nem um emprego e nem uma vaga em um curso superior.

Minha mente criativa logo começou a criar uma série de histórias, pois o campus Bagé fica ligeiramente retirado da cidade e para qualquer lugar que se olhasse, naquela época, só se via campo. Dentro do prédio, o vento *Minuano*, correndo pelos canos do sistema de contenção de incêndio, fazia um barulho que eu e meus colegas dizíamos serem as lamúrias daqueles que nunca se formaram e que agora passavam a eternidade assombrando o campus. Cada vez que algum colega reclamava de seus afazeres acadêmicos eu explicava pacientemente: “oh meu, tu não tá ligado que tem um monstro embaixo da Unipampa? Ele é gigantesco e fica lá embaixo com a boca aberta só esperando, e o nosso sofrimento cai lentamente em formato de folhas A4 em direção a sua boca”.

Logo na primeira semana, quando eu estava com o olhar parado no horizonte pensando sei lá eu o que, voltei a mim com as risadas de meus colegas dizendo que eu estava vendo as linhas do futuro, como o personagem da Marvel Dr. Estranho. As

conversas do almoço prosseguiram e duas turmas discutiam a qual turma pertencia um senhor chamado João. Ambas tinham certeza de que João havia passado a manhã inteira em sua sala. Resolvi contribuir na conversa dizendo: “só tem uma explicação! O João só pode ser uma alucinação coletiva!” Todos concordaram, riram, e seguiram almoçando. Enquanto isso comecei a escrever um pouco ao reparar que o campus era repleto de Quero-Queros. Comecei a me perguntar “O que será que estes pássaros tanto querem?”. Então, pensei em levar os 4 anos de universidade para achar alguma resposta poética para essa pergunta.

1. Fantástico-me

los pájaros aprendieron a volar
para escapar de nosotros
Tres noviembres, de José Maria Zonta¹

O fantástico sempre fez parte da minha vida, do meu dia a dia, e durante muito tempo tive certa resistência a qualquer coisa que retirasse meus óculos mágicos. Minha necessidade de fantasiar era grande; eu tinha dificuldade de aceitar o mundo como era, então, fantasiar era criar minha realidade, o que não era algo tão místico que outras pessoas não pudessem participar. Todos entravam em minhas brincadeiras e pareciam se sentir bem com elas.

Essa ligação com o fantástico não vinha dos livros, eu o encontrei posteriormente nos livros e me identifiquei. Meu contexto familiar sempre foi banhado pelo fantástico, pois tinha certeza de que cada um dos meus familiares tinha fugido de algum livro por suas personalidades caricatas e faziam questão de brincar com as características um dos outros. E isso tudo ia mais além.

No inverno desse ano de 2023, eu trabalhava no meu estúdio por volta das 18 horas da tarde quando minha mãe me interrompeu chamando para ver algo. “O que é aquilo lá?” disse ela, apontando para a chaminé do fogão à lenha do vizinho. “É um soldado!” respondi. “Iguazinho, menino! Me assustei quando vi!”. Conforme o resto da família foi chegando em casa nosso processo foi perguntar a todos: “o que era aquilo lá” e somente meu cunhado não viu o soldado. Os dias foram passando e o vento virou a chaminé, não parecia mais um soldado. “Ó lá o soldado não tá mais lá” “É mesmo! tá de folga, já não tá mais de serviço”.

¹ Disponível em:

<http://los7ahorcados.blogspot.com/2009/07/los-mas-ingeniosos-y-fantasticos-poemas.html>. Acesso em 05 dez. 2023.

2. Entrando no fantástico literário

¿Cómo lloran los locos?
¿Cómo disputan un pedazo de aire
una botella?
Mala estirpe, de Camilo Retana²

Foi na universidade que começaram meus problemas com o fantástico. Era uma aula de espanhol e estávamos lendo um conto chamado Casa Tomada do escritor argentino Júlio Cortázar. Resumidamente, o conto narra o temor de dois os moradores (um casal de irmãos) de uma casa que, pouco a pouco, vão fugindo para outros cômodos, receosos com um invasor que não se sabe o que é, e nem exatamente o que quer. Este invasor apenas toma os cômodos que encontra vazio, até que por fim os moradores resolvem abandonar a casa. Você leitor, certamente já frequentou uma aula e deve imaginar o que a professora perguntou depois que todos tinham lido o texto: “o que seria a casa? e quem eram os invasores?”. Respondi que a casa era a cabeça de alguém e que os invasores eram a loucura tomando conta, até que não sobrasse mais espaço para a sanidade. No entanto, os alunos e a professora se estenderam nas suposições de que o texto falava de um contexto ditatorial. Lembro de ficar calado e indignado com como aquilo estava sendo tratado como o que o autor quis dizer. Como se fosse possível apenas uma leitura do texto.

Meu primeiro movimento de investigação para entender por que o realismo fantástico (RF) era tão atrelado às questões políticas da América Latina foi fazer uma breve pesquisa sobre obras de relevância de alguns autores, levando em consideração o ano de lançamento e a situação política do país de origem do escritor no período de publicação. Nada muito complexo, pois é fácil pesquisar o ano de publicação de um livro e relacionar com os períodos ditatoriais do país de origem do escritor.

Primeiro, precisamos entender que o próprio conceito de literatura fantástica vem importado de um contexto europeu, com traços sócio-histórico-culturais muito díspares de nosso continente. Ao vermos as características da literatura fantástica

² Disponível em:

<http://los7ahorcados.blogspot.com/2009/07/los-mas-ingeniosos-y-fantasticos-poemas.html>. Acesso em 05 dez. 2023.

como marca Todorov (1980), esta faz parte de um outro cronotopo³, além de apresentar personagens, fatos que não são considerados reais (podem ser sobrenaturais), impossíveis de acontecerem como, por exemplo, um homem virar inseto conforme narrado por Kafka em "A metamorfose".

Retornando ao continente latino-americano, este sofreu com golpes de estado e a instauração de ditaduras militares logo em sequência. Em 1954, no Paraguai; em 1964, na Bolívia e no Brasil; em 1973, no Chile e no Uruguai; e em 1976 na Argentina. Também tivemos golpes de estado e instabilidades políticas graves na Guatemala, Panamá, Colômbia, Cuba, Peru e Venezuela.

Alguns escritores brasileiros apresentaram características da literatura fantástica como Murilo Rubião com sua obra "O ex- mágico" (1947); e José J. Veiga com a obra "Os Cavalinhos de Platiplanto" (1959). Estas obras foram publicadas após o período ditatorial, no caso de "O ex- mágico" após o fim da era Vargas em 45.

Em outros países da América Latina temos obras como a do escritor guatemalteco Miguel Angel Astúrias que publicou sua novela "Homens de milho" em 1949, antes do período ditatorial guatemalteco. O escritor Mexicano Carlos Fuentes e sua novela "Aura" (1962), publicada antes do período ditatorial.

O escritor argentino Jorge Luiz Borges e sua obra de contos intitulada "Ficções" (1944) foi publicada mais de 30 anos antes da ditadura argentina. O também argentino Júlio Cortázar e suas obras "História de cronópios e de fama" (1962) e o "O jogo da amarelinha" (1963), ambas publicadas antes da ditadura argentina.

O escritor cubano Alejo Carpentier com suas novelas "Reino deste mundo" que se refere à revolução haitiana (1949) e "Os passos perdidos" que narra a história de um homem que decide se afastar da vida da cidade em busca de paz (1953). Reino deste mundo é publicado antes da revolução cubana; já Os passos perdidos foi publicado no ano em que iniciou a revolução cubana, 1959. Para este escritor cubano, nosso continente latino-americano apresenta uma vasta e exuberante natureza com seus povos originários, o que é muito diferente da paisagem europeia. A partir dessa primeira observação, Carpentier passa a utilizar o signo real maravilhoso ao invés de realismo fantástico.

³ Este conceito se refere a uma noção de tempo e espaço no romance, mas não são dicotomias, ao contrário, eles se dialogam na narrativa, ver Bakhtin (2000).

Já o escritor colombiano Gabriel García Márquez retoma as obras do guatemalteco Asturias e passa a ser conhecido como o precursor do realismo mágico, sobretudo com sua narrativa Cem anos de solidão. Esse signo, realismo mágico, pode ser entendido não meramente como algo sobrenatural, mas, ao contrário, é algo que acontece similar a uma magia e faz parte do cotidiano de Macondo e de seus personagens, sobretudo da família Buendía. Ou talvez um realismo mágico que representa alegoricamente o latino-americano com sua identidade singular. Pode ser também considerado como uma forma de driblar a censura para usar metáforas e outras figuras de linguagem para realizar críticas aos sistemas ditatoriais.

Temos diversos exemplos de obras consideradas importantes para o que se denomina realismo fantástico latino-americano que não foram publicadas durante ou depois dos regimes totalitários ou não eram nenhum tipo de alegoria aos mesmos, terminando por relatar outros aspectos da cultura latino-americana, do colonialismo ou simplesmente aquelas que eram expressões artísticas do escritor.

Devemos ter em vista sempre que a literatura não pode ser dissociada de seu contexto histórico, tampouco pode se limitar a ele Bakhtin (2000), pois ela, enquanto arte, reflete o período no qual foi escrita e não podemos desconsiderar as diversas obras de realismo fantástico que se referem a regimes totalitários e políticos, visto que muitos dos escritores enquadrados no que se denomina RF latino-americanos são também jornalistas que, por sua profissão pressupõe-se serem pessoas ligadas aos contextos políticos do continente latino-americano em tempo real. Porém, acredito que, de alguma forma, seria injusto reduzir o movimento do realismo fantástico apenas a uma “resposta aos regimes totalitários”, visto que este tema está presente em diversos gêneros literários (contos, romances etc.) de igual complexidade e também, por excelência, em nosso cotidiano.

3 Experenciar-me

A experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2004, p. 160).

Através de minhas experiências acadêmicas (parar, olhar, sentir, escutar... vagorosamente, larrosianamente), comecei a entender melhor alguns estereótipos latino-americanos. Ao ver como a América Latina era vista ao redor do mundo, ao observar pela primeira vez a pintura América Invertida do pintor uruguaio Joaquín Torres García (ver figura abaixo); ou ao ler as obras sobre a (in)visibilidade do ensino e da formação de professores de espanhol na América Latina (LIMA, 2014; ZOLIN-VESZ, 2013) pude compreender melhor como éramos/somos vistos, ou seja, como as vítimas da pobreza, da corrupção e dos regimes ditatoriais. Que tudo que criávamos/criamos de belo era/é fruto de uma interpretação de nossa terrível situação. Enquanto o que o Norte criava/cria de belo era/é fruto da genialidade de seus artistas. E toda a nossa ciência era/é vista com enorme surpresa por ter sido descoberta por um povo tão sem acesso à informação. E digna também de dúvida e de redescobertas científicas de mesmo resultado, mas desta vez, escritas em universidades renomadas do Norte.

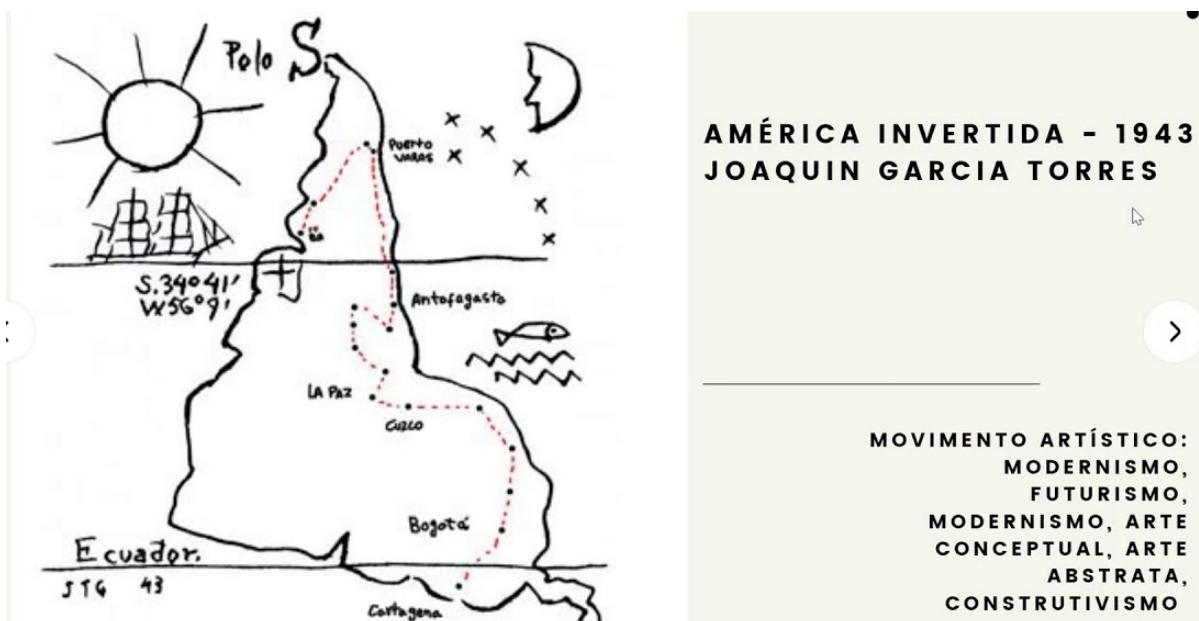


Figura 1⁴

Indubitavelmente fomos vítimas. Porém, há um sistema de vencedores e perdedores, humilhados e humilhadores. E nos colocamos no lugar do fraco (quando o forte é o Norte) reforçando esse sistema. Reproduzimos o discurso e nossa permanência no lugar onde nos colocaram. Ao invés de buscarmos desconstruir este sistema olhando para o resto do mundo de igual para igual.

Não podemos reforçar esse sistema dicotômico que nos impõe que haja um humilhador e um humilhado. Até porque, se permanecermos no mesmo lugar epistêmico, nossa única alternativa de não sermos humilhados é nos tornarmos humilhadores, e isso não queremos! Ou será que queremos permanecer seguindo essa ideologia hegemônica euro-centrada, sobretudo no que diz respeito a um sistema literário? Essa discussão pode ser ampliada se pensarmos o que pode ser definido como literatura latino-americana. Nos manuais didáticos, aprendemos que os textos como a Carta de Pero Vaz de Caminha ou os Diários de Cristóvão Colombo são os primeiros registros de nossa literatura, porém, como aponta Pizarro (1993), não podemos esquecer que devemos deslocar epistemologicamente nosso olhar para buscarmos outro conceito de literatura que não seja grafocêntrico. A pesquisadora nos chama atenção para buscarmos, por exemplo, outros exemplos

⁴ Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fm.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3DfyE7h7DeFoU&psig=AOVaw2wuTpLfn6XqjwGFJozTHJK&ust=1701956282788000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBEQjRxqFwoTCMCToq_3-oIDFQAAAAAdAAAAABAH. Acesso em 05 de dez. 2023.

de narrativas como os códices maias. Estes registros, realizados pelos povos autóctones, eram desenhos que contavam histórias.

4 Dicotomias

Y ando conmigo
Que no sé quien soy
Se alquila esta ventana, de Jorge Arturo⁵

O trabalho deve ser de desconstrução, e o realismo fantástico é o palco perfeito para entendermos esse sistema. Sendo que as descrições deste gênero mundo afora, e também as produzidas por nós mesmos, atribuem muitas de nossas habilidades artísticas a nosso sofrimento. Como se a beleza de nossa obra viesse de nossa opressão. Como se a justificativa de nossa capacidade de criação fosse a humilhação que vivemos. Como se fosse surpreendente, pelo fato de sermos centro/sul-americanos ou minorias de toda a América, o fato de termos criado algo de bom. Isso se estende à pesquisa, ciência, literatura e artes em geral.

Conforme nos explica Rodríguez H. (1988), a questão sobre a identidade da literatura latino-americana pode ser entendida a partir de duas observações que traz a pesquisadora:

Con respecto a "literatura latinoamericana" es preciso, en primer lugar, señalar que es un término compuesto por dos categorías diferentes: una, literatura, apunta a un quehacer, a un trabajo humano entendido como "productividad" e "intertextualidad" (Julia Kristeva: 9: 15), una práctica significativa, la escritura, la cual, dice Noé Jitrik, "es el conjunto de operaciones que transforman lo dado de la palabra -como reglas, connotaciones e imágenes verbales- en un nuevo acontecimiento caracterizado por la aparición de una nueva significación (Noé Jitrik: 8: 14). La otra, "latinoamericana" es una categoría histórica, compuesta de la noción étnico-cultural "lo latino" (acuñada en 1836 por el francés Michel Chevalier y retornada en 1850 por el grupo de intelectuales hispanoamericanos residentes en París) (Arturo Ardao: 1:160) y del nombre del nuevo continente: América. El término surgido de la síntesis de estos dos ha servido para identificar una modalidad en las relaciones entre, "nuestra América" y Europa y "nuestra América" y los Estados Unidos: la dependencia. (RODRIGUEZ H., 1988, p. 20)

A respeito do signo "latino-americano", este reflete e refrata realidades como as mencionadas anteriormente, além de podermos enumerar as seguintes dicotomias elencadas por Rodríguez H. (1988, p. 21). As primeiras são consideradas positivas e as segundas são negativas, como podemos observar no quadro abaixo:

⁵ Disponível em:

<http://los7ahorcados.blogspot.com/2009/07/los-mas-ingeniosos-y-fantasticos-poemas.html>. Acesso em 05 dez. 2023.

+	-
Europa	América
Estados Unidos	América
Metrópole	Colônia
Centro	Periferia
Independência	Dependência
Primeiro mundo	Terceiro mundo

Figura 2 – elaboração do autor a partir de Rodríguez H. (1988, p.22).

Interessante também abordar que esse sistema dual tem uma força tão grande que acomete as bases de qualquer orientação política. A esquerda quer ressaltar as injustiças desse sistema (papel indubitavelmente importante) mas, muitas vezes, está fadada a apenas reforçar nossa permanência nesse lugar de humilhado. Enquanto isso, a direita endeusa o humilhador/colonizador, tratando-o como o detentor da luz, aquele em quem devemos nos espelhar para sermos um pouco menos humilhados ou menos vira-latas.

Não vamos entrar aqui em pormenores de raça canina, pois me identifico muito com cães e acredito que todos eles podem tanto morder a mão que o alimenta quanto alimentar a mão que o morde. O que realmente é interessante para fins metafóricos é que um vira-lata é tido como um cachorro de menor prestígio. Ninguém compra um cachorro sem raça definida por dois mil reais, valor médio de um cachorro de raça de pequeno porte, no entanto, a identificação com ele está presente no cotidiano e em nossas piadas e ofensas. É comum encontrar em um rápido passeio pelas ruas brasileiras, por exemplo, um vira-lata de cor caramelo. E lembro-me que quando estava sendo escolhido qual animal estaria estampado na nova nota de 200 Reais, houve um pequeno alvoroço na internet para que o animal homenageado fosse o tão querido vira-lata caramelo, talvez por isso ninguém tenha reclamado muito do Lobo Guará.

Mas isto é algo contemporâneo, para os mais inclinados a questões geopolíticas, já o brasileiro que tenta se adequar a padrões europeus e desdenha da cultura e do comportamento brasileiro é conhecido popularmente como “aquele que tem síndrome de vira-lata”. Embora este adjetivo tenha se popularizado nas últimas

duas décadas, ele surgiu pela primeira vez há mais tempo, mais precisamente em uma crônica de Nelson Rodrigues que narra uma derrota da seleção brasileira para o Uruguai em 1950 no Maracanã, o episódio ficou conhecido como “Maracanazo”. Nesta crônica, Nelson Rodrigues utiliza o termo “complexo de vira-lata” para descrever um sentimento de inferioridade perante as outras nações, visto que o Brasil era favorito e precisava apenas de um empate para vencer.

As forças do colonialismo interferem gravemente em nosso posicionamento e não é difícil ver pessoas extremamente chateadas com as derrotas do Brasil e da América Latina em jogos de futebol. Ao mesmo tempo em que alguns se recusam a acompanhar qualquer campeonato que não seja o europeu. Ambos são processos de reprodução de padrões de um brasileiro “narciso às avessas”, como disse Nelson Rodrigues. Que também, talvez fosse um desses, pois o problema está em nossa falta de autoestima, ou no ferimento causado em nosso ego pela derrota “na única coisa que somos bons”?

Um tanto mais anacrônico ao escritor brasileiro Nelson Rodrigues (1950), outros episódios da história revelam a construção de valores do colonizador e o psicopoder exercido por ele. Em 1532, durante a invasão espanhola, no Peru, houve a batalha de Cajamarca, um conflito que durou cerca de 8 anos, porém refere-se a um exército inca com cerca de 80.000 soldados que foram derrotados por cerca de 168 espanhóis. Há inúmeros fatores para esta derrota ter ocorrido, como tecnologia e técnicas de batalha, porém algo fez o pequeno exército espanhol se dedicar a uma batalha por interesses de poder, território e riqueza, contra um exército de 80.000 soldados. Alguns escritos se referem ao fato de que os espanhóis eram um inimigo desconhecido para os incas, outros referem-se a guerras simultâneas que aquele exército inca enfrentava naquele momento, porém o intrigante é a audácia desses 168 soldados. Algo lhes assegurava que capturar um líder e vencer esta batalha era algo possível e que também não era necessário arrecadar mais soldados ou se prepararem melhor para tal conquista.

Não é difícil observar que a religião e a fantasia desempenharam vários papéis na história americana a partir da colonização. A religião dos povos originários tratava-se do fantástico que já existia aqui, os colonizadores precisavam aceitá-lo e hora se inseriram, hora eram atravessados por ele. O fantástico que existia aqui passa a ter sua realidade questionada com a chegada do europeu que, ao mesmo tempo, vê este fantástico como a realidade da América, outra realidade diferente que

não era a sua, logo poderia ser eliminada, subjugada. Conforme nos mostra o escritor uruguaio Galeano (2010, p.63):

Assim se prova que os índios são inferiores (segundo os conquistadores dos séculos XVI e XVII):

Suicidam-se os índios das ilhas do Mar Caribe?
Por que são vadios e não querem trabalhar.

Andam desnudos, como se o corpo todo fosse cara?
Porque os selvagens não tem pudor

Ignoram o direito de propriedade, tudo compartilham e não tem ambição de riqueza?
Porque são mais parentes do macaco do que do homem.

Banham-se com suspeitos com frequência?
Porque se parecem aos hereges da seita de Maomé, que com justiça ardem nas fogueiras da Inquisição.

Acreditam nos sonhos e lhes obedecem as vozes?
Por influência de Satã ou por crassa ignorância.

É livre o homossexualismo? A virgindade não tem importância alguma?
Porque são promíscuos e vivem na ante-sala do inferno.

Jamais batem nas crianças e as deixam viver livremente?
Porque são incapazes de castigar e de ensinar.

Comem quando têm fome e não quando é hora de comer?
Porque são incapazes de dominar seus instintos.

⁶
Adoram a natureza, considerando-a mãe e acreditam que ela é sagrada?
Porque são incapazes de ter religião e só podem professar a idolatria.

A partir da desumanização do outro, considerado a alteridade inimiga como nos mostra Todorov (1980), conforme podemos ver nos excertos acima, o fantástico é utilizado como ferramenta tanto para que o colonizador consiga executar o genocídio pretendido, utilizando o que para os povos originários era extraordinário, além de ferramentas religiosas, como estratégia de guerra, genocídio linguístico e aquisição de riquezas. Por outro lado, o fantástico latino-americano era também ferramenta de defesa militar e cultural, como quando após as batalhas, algumas tribos indígenas voltavam do campo de batalha trazendo troféus de guerra como cabeças, e assim faziam seus rituais pós-guerra reverenciando mortos e pedindo orientações espirituais.

⁶ Essa desumanização também aconteceu com diversas etnias africanas que foram trazidas para a América Latina e submetidas a um processo de escravização de extrema violência. Ver Galeano (2010).

É interessante observar como a partir do conjunto de fantasias pré-existentes e após um intenso choque cultural, deste, surge um novo fantástico, e assim temos o exemplo do messianismo. Tiburi (2003) cita em seu texto “*o complexo de vira-lata*” no capítulo “*esquartejamento*” um episódio em que o líder indígena Tupac Katari foi capturado pelos espanhóis, morto e esquartejado, e suas partes foram expostas na cidade. Assim surgiu a crença de que um dia as partes de Tupac serão reunidas e ele voltará para dominar o Peru.

Temos então um messias injustiçado que um dia voltará para reinar, intrínseca na crença de um povo indígena derrotado a possibilidade de que seu líder com toda a certeza voltará. Não há como comprovar que é mentira pois ninguém sabe quando ele voltará, e não há como afirmar que é verdade, pois ele ainda não voltou. Este seria um dos maiores exemplos do realismo fantástico dentro da religião, podendo ser até mesmo utilizado como ferramenta para que possamos entender como ele se manifesta para além da arte, estando presente em nosso cotidiano.

O realismo fantástico se caracteriza por uma fantasia que faz parte do nosso cotidiano. Assim, um homem do campo que já viu algo estranho em sua propriedade numa noite de lua cheia, vive tranquilamente com a certeza de que existe um lobisomem nas redondezas e para ele está tudo bem, pois ele segue executando seu trabalho e pouco importa quem acredita nele ou não, uma vez que ele tem certeza do que viu e nem por isso está decretada a caça ao lobisomem, tampouco os afazeres do campo podem esperar. Existe um lobisomem ali! Mas também existem cobras, aranhas, onças e jacarés. E a vida continua.

Na literatura tendo em vista todo o processo que a compete também o viés de texto histórico, podemos afirmar sim que o realismo fantástico foi utilizado como ferramenta diversas vezes ao longo da história, como uma forma de compreender a realidade, de lidar com o que não entendemos, ou de criticar o que nos incomoda. a necessidade de fantasiar está no ser humano e é por isso que temos os contos infantis e que as crianças repetem por determinados períodos um certo tipo de brincadeira.

Quando vemos uma criança em uma batalha sangrenta imaginária em que ela mata até que por fim acaba morrendo, ela está através da imaginação e da atuação buscando entender o que lhe parece estranho, neste caso, possivelmente tentando compreender a morte. Na psicologia, chamamos isto de psicodrama.

Da mesma forma os contos, contos infantis buscam criar na mente das crianças um realismo fantástico capaz de protegê-las de perigos iminentes até que elas possam entender os perigos de forma mais objetiva enquanto amadurecem.

A história da Chapeuzinho Vermelho é um exemplo interessante. Nos tempos medievais as pequenas cidades eram formadas ao redor de castelos, burgos, rios ou fazendas. Em volta dessas cidades havia muitas florestas e não era seguro transitar por elas pelo perigo de animais selvagens e criminosos (Bettelheim, 1976). As instruções que a mãe de Chapeuzinho dá a ela variam entre diversas versões, mas em geral incluem não conversar com estranhos, e permanecer na trilha, ou seja, não entrar na floresta. O lobo mau pode representar qualquer pessoa que possua más intenções contra uma criança sozinha na floresta.

O ato de fantasiar para compreender as situações não é uma ferramenta exclusiva da infância. O ser humano perdura este hábito pelo resto da vida, assim são criadas alegorias como O Mito Da Caverna de Platão criado para dialogar sobre a ignorância do homem dentro da filosofia e o Gato de Schrödinger, criado para explicar funcionamentos da física quântica. O ser humano segue brincando com a realidade para compreender o funcionamento do mundo à sua volta.

Segundo o filósofo irlandês George Berkeley (1710) em seu conceito de realidade inspirado no idealismo, caracteriza a realidade como uma construção que surge através de perspectivas individuais e coletivas, ou seja, a mente interpreta a realidade e os conceitos produzidos pelo meio, mas também a constrói através de sua cognição. Sendo assim, a realidade é como a linguagem, ou seja, é viva e única em cada ser que a experiência, necessitando apenas ser funcional para o indivíduo.

Nossa percepção de realidade envolve muitos aspectos, e o realismo fantástico é tão intrínseco em nosso cotidiano que simplesmente podemos não vê-lo, está em nossas crenças e em nossas dúvidas, conceitos que a ciência explicou e que ainda assim nos parecem incríveis como as tecnologias sem fio, ou até mesmo com fio. Bem como as que a ciência ainda não explicou como acontece a fenomenologia paranormal.

5 Finalizo

la música es leviana
áspera em dorso más dócil
así es la vida
frecuencia de manicomio, de William Eduarte⁷

Como artista, mais especificamente como músico, não posso evitar fazer uma comparação. Para mim a música é uma forma de manipulação de energia e, através dela, podemos alterar o estado de espírito das pessoas que estão em determinado ambiente. É possível fazer com que todos se alegrem, que chorem, que riem, que fiquem tensos. Tanto no show de um bar quanto em uma sala de cinema ou em suas próprias casas através da simples trilha sonora de um filme ou série podemos despertar diversos sentimentos no outro.

Da mesma forma é o realismo fantástico, mais do que um gênero literário ou artístico é uma ferramenta que possibilita ao ser humano uma compreensão do mundo a sua volta, para fins de arte/entretenimento e também para fins de crítica social e defesa da democracia. No entanto, também pode ser uma ferramenta de guerra, pode ser utilizado para roubar e matar, são as sombras na parede da caverna, é a energia que se instaura quando estamos imersos em um contexto, história ou acontecimento. Estendendo um pouco mais esta comparação e a visão do RF como ferramenta, temos um conceito da Wicca, religião pagã contemporânea que se refere à magia como sendo igual à água: A mesma que nos é vital pode nos afogar. E ao final, *todo esto es la breve antologia del joven sin pernas* como escreve Mario León Rodríguez em *La curvatura del silencio*⁸.

⁷ Disponível em:

<http://los7ahorcados.blogspot.com/2009/07/los-mas-ingeniosos-y-fantasticos-poemas.html>. Acesso em 05 dez. 2023.

⁸ Disponível em:

<http://los7ahorcados.blogspot.com/2009/07/los-mas-ingeniosos-y-fantasticos-poemas.html>. Acesso em 05 dez. 2023.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BERKELEY, G. **Princípios do Conhecimento Humano**. Minas Gerais: UFMG, 2009.

CORTÁZAR, J. **Cuentos completos 1 (1945-1966)**. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2008.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: LPM, 2010.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. In: **Revista Reflexão e Ação**, v. 19, n.2, p. 04-27, jul./dez., 2011.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, jan./fev./mar./abr., 2002, p. 20-28.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. In: **Educação e Realidade**, 28(2), jul./dez., 2003, p. 101-115.

LIMA, L. M. (org.). **A (in)visibilidade da América Latina na formação do professor de espanhol**. Campinas, SP: Pontes, 2014.

MENDONÇA E SILVA, C. A. (org.) **América Latina e língua espanhola: discussões decoloniais**. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PIZARRO, Ana. Palabra, Literatura y Cultura en Las Formaciones Discursivas Coloniales. In: PIZARRO, Ana (Org.) **América Latina: Palavra, Literatura e Cultura**. Campinas: UNICAMP, 1993. Vol. 1, pg. 19 - 37.

RODRIGUEZ H., María Elia. América Latina, crítica e identidad. **Revista Filología y Lingüística**, XIV (2), 1988, p. 19-23.

TIBURI, M. **O complexo de vira-lata: análise da humilhação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ZOLIN-VESZ, F.(org.). **A (in)visibilidade da América Latina no ensino de espanhol**. Campinas, Pontes Editores: 2013.